

Hospital de Santo António: do projeto à obra

Lília Paula Teixeira Ribeiro

Doutora em História da Arte Portuguesa | CEPESE | Professora do QA da Escola Básica e Secundária de Escariz – Arouca

Na segunda metade do século XVIII, o Porto sofreu intervenções urbanísticas e arquitetónicas que conferem um cunho de modernidade à imagem do velho burgo. Esta metamorfose espelha o programa de transformações empreendido pela Junta das Obras Públicas, a importância da presença da comunidade britânica – nomeadamente do cônsul John Whitehead, que incutia a cultura da sua pátria – e a influência dos tratados de arquitetura, que difundiam as novas correntes artísticas.

Nesta época, assistimos à proliferação de edifícios públicos civis capazes de satisfazer as exigências da modernidade, tais como: hospitais, prisões, teatros e quartéis. Dotados de funções específicas, que não demandam legitimação religiosa, conseguiram, nalguns casos, arrebatam a magnitude que, tradicionalmente, era apanágio da arquitetura religiosa. O Hospital de Santo António, que ostenta uma monumentalidade até então desconhecida no Porto, é uma das obras inscritas no esforço de construção dos equipamentos da cidade moderna dos Almadas, juntamente com a Cadeia e Tribunal da Relação, o Teatro de S. João, a Real Casa Pia e o Quartel de Santo Ovídio.

A Santa Casa da Misericórdia do Porto associou o seu nome a um equipamento público reclamado pela cidade em vias de expansão e modernização. No ano de 1767, obteve autorização régia para edificar o *“Hospital Novo”*, que visava suprir as necessidades assistenciais de uma população em franco crescimento. Requisitou os préstimos de John Carr – especialista de renome em arquitetura hospitalar – para elaborar um projeto que respeitasse os modernos preceitos de conforto, higiene, salubridade pública e deixasse transparecer a relevância e prestígio da Irmandade; adquiriu os extensos terrenos compreendidos entre a Cordoaria e os Quartéis e avançou com a obra.

O hospital desenhado por John Carr, que fora apreciado pelo rei Jorge III, apresentava quatro alas monumentais, dispostas de modo a formar um quadrilátero. O centro do pátio era ocupado por uma igreja de cruz grega com zimbório, inspirada em obras de Andrea Palladio. O arquiteto de York, que seguiu a tipologia arquitetónica mais usada em setecentos para este

4^a JORNADA DE HISTÓRIA DA ARQUITETURA EM PORTUGAL

gênero de edifícios, denota um excelente entendimento funcional e estético, pautado pela simplicidade, equilíbrio e harmonia.

A materialização do projeto original do Hospital de Santo António, cuja magnitude demandava cabedais que ultrapassavam as possibilidades económicas da Santa Casa, resultou truncada: a fachada poente e a igreja a implantar no centro do pátio não foram erguidas; as alas norte e sul assumiram uma configuração simplificada, com dimensões inferiores às previstas e uma eminente sobriedade decorativa; a fachada nascente remanesceu destituída de alguma da estatuária prevista. Apenas a fachada principal voltada a nascente seguiu de perto os desígnios de Carr e a magnitude da composição refulge, de forma exímia, no templo hexastilo da zona central, nos templos tetrastilos das extremidades e no andar nobre, que mereceu um tratamento especialmente requintado.

A Santa Casa da Misericórdia do Porto mandou construir um dos edifícios públicos civis mais interessantes e emblemáticos da cidade, de feição inteiramente laica, para dar resposta a exigências em matéria de cuidados da saúde, que se impôs pela sua opulência, especificidade funcional e capacidade de resposta. Lamentavelmente, não teve capacidade financeira para suportar a materialização integral do risco. As obras arrastaram-se por muitos anos, sem que o projeto de Carr chegasse alguma vez a ser concluído: o plano primitivo não passou de uma quimera.

Não obstante, o Hospital de Santo António contribui de modo indelével para a estruturação do espaço urbano, marca a fisionomia arquitetónica da capital do norte e ilustra as potencialidades laicas do neopalladianismo. De igual modo, funcionou como um grande núcleo de transmissão do saber e fazer arquitetónico, que influenciou outras construções erigidas na cidade, designadamente o Palácio dos Carrancas, a Academia Real da Marinha e Comércio e a Bolsa Comercial do Porto. A sua importância extravasa o panorama nacional, merecendo especial interesse por ser a única obra importante gizada por um arquiteto inglês do século XVIII edificada fora do reino britânico e das colónias americanas.

Bibliografia

RIBEIRO, Lília – *A Arquitetura Neopalladiana Portuense: o Hospital de Santo António (1769-1832)*. Porto: [s.n.], 2013. 2 vols. Tese de doutoramento no Ramo de Conhecimento em História da Arte Portuguesa, apresentada a Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Policopiada).